

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E BONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno II

Florianopolis, 14 de Junho de 1919

Num. 41

UNAMO-NOS

—o—

A união faz a força: bons e maus o comprehendem.

Maus e bons, por isso, fazem projectos, elaboram estatutos, fundam associações, unem-se emfim.

Bons e maus trabalham.

Mas... que differença, grande Deus!, nas suas intenções!

Os bons pretendem avivar nos corações a f, os maus se esforçam por aniquilar toda a crença e piedade; os bons querem o reinado de Deus nos corações, os maus implantam nos corações o odio ao Creador; os bons, as verdadeiras almas boas, consolam com a esperança de dias melhores, sinão neste valle de lagrimas, ao menos na eterna patria, e os maus fazem crer que todos tem o direito de se sublevar contra os chefes e at contra a autoridade, si não lhes correr a vida  medidas de seus desejos; numa palavra, pretendem *uns* restaurar tudo em Christo, para que tenham paz e socego na vida, e ventura sem fim na eternidade, e *os outros*, essas almas desnaturadas, intentam (insensatos que são!) banir dos corações toda a crença.

Com que fim si elles mesmos não são felizes com a liberdade que fingem grangear para os incautos que se deixam imbuir de suas idas, fallazes e enganadoras?!

Ah!  que a vida, uma vez que se gose dessa liberdade mal entendida, afigura-se mais facil, mais commoda, mais feliz, para aquelle que nada espera depois da morte, e, assim, para que não haja quem lhes aggrave, pelo proceder justo e honesto, os

remorsos da conscicia, tratam de prender, na cadeia de suas absurdas pretenes, os imprudentes: — as creanças, por meio da escola sem Deus; os jovens e adultos ignorantes, por suas palavras, seus jornaes, suas associações!...

Os maus trabalham com ardor!

Vemol-o pelos acontecimentos que se tem desenrolado ultimamente no mundo!

E nós? Cruzaremos os braços, deixando tudo ao Deus dará?!

Não, catholicos! Não sejamos tão egoistas, permitindo que só *um punhado de valentes e dnodados christos se movam*: os trabalhos dos catholicos, at agora, são devidos à generosidade de *poucos*!

Todos a postos, para o futuro!

Todos s armas!

Trabalhem para que as creanças apprendam a amar e servir a Deus, e para que os jovens se não pervertam com as ms leituras!

Unamo-nos, catholicos, enquanto  tempo!

*

*

*

Que quer dizer *união*!

União haverá — quando os subordinados virem no chefe um pai, um amigo verdadeiro, uma pessoa, emfim, que entende do recdo, e que, por essa razão, deve ser obedcida, quando der alguma ordem; haverá *união* — quando todos forem humildes porque, sem humildade, gostar-se- mais de mandar que obedecer; *a opinião dos mais competentes será sempre acatada onde há união*, e assim, si elles disserem que tal moda não serve para uma catholica; que tal costume deve ser banido da sociedade; que tal educação não se d a um filho; que tal livro não se l; que tal *film* não presta — curva-se a

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

—o—

cabeça e obedece-se, porque só assim haverá união, e só essa união nos fará fortes e invencíveis!...

* * *

Tereis coragem, senhoras e senhoritas catarinenses, de vos unirdes com o fim tão santo, tão nobre, tão justo, de contribuir, na medida de vossas forças, para restaurar tudo em Christo?

Alistai-vos, então, na ALLIANÇA FEMININA.

«Com séde na Capital Federal, e nos moldes de associações congêneras européas e americanas, a ALLIANÇA FEMININA elevará o nível moral e intellectual da mulher catholica brasileira e augmentará a sua justa influencia na vida publica e particular.

Todas as senhoras catholicas que desejem trabalhar no Brasil para o grande fim civilizador de restaurar tudo em Christo são convidadas a alistar-se nessa utilissima e urgente *Alliança*, organisando-se, unindo-se nella para um grande esforço collectivo e disciplinado, que necessariamente produzirá os resultados previstos, pois que — a união faz a força».

Ahi estão as palavras com que a illustre escriptura D. Amelia Rodrigues, alma do movimento social feminino, annunciou o lançamento da primeira pedra da ALLIANÇA.

Agora, pensai e resolvei, senhoras e senhoritas catholicas, o que será melhor: deixarmos, por commodismo, o campo aberto aos nossos inimigos, ou entrincheirarmo-nos enquanto é tempo.

Pensai e resolvei!

Zenir Alcêa.

O saber ler

E' realmente espantoso que, havendo professores para todas as sciencias e para todas as artes, até para as inuteis, para as que são simplesmente decorativas, ninguem se lembrasse ainda de instituir um curso para os discipulos aprenderem a lêr bem e a falar bem.

Lêr bem é comprehender, porque se não lê com a accentuação e harmonia próprias não aquillo que se entende.

Falar bem é persuadir, é alcançar uma influencia immediata no espirito dos que nos

ouvem, é conseguir que nos attendam e nos escutem.

O mais judicioso, o mais eloquente dos oradores, si tiver uma voz áspera ou desigual, monótona ou irritante, si as palavras lhe sairem sacudidas, sem a expressão que as completaria e lhes teria dado sentido e força, nunca poderá alcançar que o seu auditorio o ouça benevolmente.

A's vezes, um frivolo, um superficial, chega a illudir, si tem na voz um instrumento harmonioso, flexível e obediente.

Mas, — dirá, de certo, a leitora, muito espantada das nossas arrojadas asserções — comprehende-se que para falar bem seja necessario dar á voz um cultivo especial.

Agora, para lêr bem... Ora essa!... Quem é que não sabe lêr bem?...

— Pois, minha senhora, affirmo-lhe que ha mui pouca gente que saiba lêr.

Quem escreve estas linhas despretenciosas, em cada vinte pessoas conhece, apenas, uma, que tenha essa sciencia tão facil, essa sciencia tão vulgar, essa sciencia tão desprezada, — que «saiba lêr», emfim!

E' que saber lêr é uma coisa que tem relações tenues, estreitas, subtilissimas com as faculdades mais elevadas do nosso espirito.

Para lêr bem, para dar a côr, o relevo, a vida, á obra do escriptor; para ter, na voz e na expressão, a nota pathetica, o chiste, a vibração ironica, maliciosa, indignada; a doçura, a commoção, a tristeza, a alegria, o riso e as lagrimas, — é preciso comprehender, é preciso sentir, é preciso ser artista!

Isto não é sómente um dom espontaneo; isto é o resultado de uma educação aprimorada e cuidadosa.

Nem todos a podem ter, talvez; mas muitos dos que podiam não a têm, e por isso não hesitamos em recommendal-a como um dos elementos mais importantes de uma boa educação.

M. Amalia Vaz de Carvalho

Uma aposta bem feita

COMEDIA EM 2 ACTOS

Adaptação de Edésia Aducci

PERSONAGENS:

D. Francisca, dona do hotel.

Rosa, sua sobrinha.

Crescencia, cozinheira.

Estudantes: Carmen, Judith, Emma, Leonor, Margarida; tres meninas menores; Florisbella Madresilva.

ACTO II

Uma sala do hotel «A gança dourada»; no meio uma mesa grande com cadeiras ao redor. Um relógio na parede.

SCENA IV

As precedentes menos Crescencia.

2.^a menina — (olhando, pesarosa, para D. Francisca) Pobre senhora! Não pode ouvir nem falar! Pobre senhora!

1.^a menina — E ainda por cima está com o nariz machucado! (Todas riem) Vocês a cham graça? Pois eu tenho muito pena da boa senhora!

3.^a menina — Que faremos agora para distrahir-a um pouco?

Judith — Acho bom que vocês vão embora, porque D. Francisca já deve estar aborrecida com tanta gente diante de si.

Carmen — (mais baixo, ás meninas) Demais, não conseguistes o vosso intento.

2.^a menina — Então vamos, amiguinhas!

As tres — Até á vista, minhas senhoras!

3.^a menina — (sahindo) Pobre surda-muda! (Saem as tres tocando os pandeiros e cantando).

SCENA V

As precedentes, menos as tres meninas.

Judith — Tenho muito pezar, D. Francisca, de que lhe seja tão amarga a hora de silencio!

Leonor — Aceite nossas condolencias!

Carmen — (pegando-a pelo braço) Mas sente-se, minha senhora, sinão ficará muito cansada! (D. Francisca senta-se, suspirando. As estudantes tambem se sentam e cada uma se occupa com o que trouxe.)

Emma — (ás companheiras) Parece que ella ganha a aposta!

Carmen — Um pouco mais amavel, mais risonha, D. Francisca! (D. Francisca dá-lhe as costas, com raiva).

Margarida — (toma a chicara e apresenta-a a D. Francisca). O' minha bella amiga, não quer uma chicara de café? (D. Francisca vira-se para o outro lado.)

SCENA VI

As precedentes, Crescencia e Rosa

Crescencia -- (ás estudantes) Ella ainda não fala?

Todas — (fingindo-se tristes) Não!

Leonor — Infelizmente não pode ainda pronunciar palavra!

Crescencia — (a Rosa) Acreditas agora? E assim está ella desde as 4 horas, sem poder dizer, ao menos, sim ou não! E' preciso, portanto, que vás depressa á cidade e tragas um medico, e já, porque, demorando, talvez não tenha mais cura! (D. Francisca gesticula, querendo dizer a Rosa que não é verdade.)

Rosa — (chorosa) Querida tia, fale! Diga ao menos a mim uma palavrinha! Que é que doe? (D. Francisca gesticula). Oh! meu Deus! a titia não pode mesmo falar! (Chora).

Judith — Tua tia soffre do mal das apostas, Rosinha! As victimas dessa molestia não podem falar e abanam continuamente a cabeça. Vês? não é como digo?

Rosa — (chorosa) Coitadinha da titia! E essa doença não tem cura?

Carmen — Tem, sim, mas só um afamado medico de Florianopolis pode cural-a.

Rosa — (alegre) De Florianopolis? E' lá que moram mamãe e minha irmã... (Querendo sahir) Então eu vou buscar o medico! (Voltando). Mas não tenho dinheiro para a passagem...

Judith — Isto é o menos, pois tua tia pagará todas as despesas, visto tratar-se de sua saude! (D. Francisca fica desesperada).

Crescencia — Anda, rapariga! Apressa-te, para que ainda alcances a lancha das 6! Não estás contente por poderes ver tua mãe e tua irmã? Anda, aproveita a occasião!

Rosa — (a D. Francisca, assustada). A Sra. permite mesmo que eu vá, titia? (D. Francisca diz com a cabeça que não e mostra a porta, com raiva).

Leonor — Ella permite, sim! Pois não viste como deu a entender que devias apressar-te?

Crescencia — (puxando Rosa para o lado). Depressa! depressa! antes que seja tarde! O mal das apostas parece uma enfermidade grave, pois nunca vi tal doença!... Depressa!... Depressa!... (Puxa Rosa e sae com ella; D. Francisca olha, desesperada, para o relógio e depois anda, afflicta, de um lado para o outro).

DOMINIOS DA ESPHINGE

7º. TORNEIO CHARADISTICO

(Abril, Maio e Junho)

Tres premios ás vencedoras

39—47) NOVISSIMAS

A' prendada senhorita Iracema Aducci

O homem cheio de ira apanhou chuva de pedra. 1—2.

Coragem! Julgo que está pendurado. 1—2

Um jogo de rapazes nesta cidade da Russia é apreciado por uma menina. 2—2

A criminosa transforma o homem honrado num malvado. 1—2.

Diva d'Alva.

—o—

Insisto, homem; que ella é birrenta — 2,1.
Este prefixo não é alto no instrumento — 2,2.

E. A.

—o—

A' amiga Gau'cha.

Si elle sahir agora, observa se é elegante — 1,2

Na embarcação vi uma tela que serve para cobrir este instrumento — 2,1

Agora o instrumento serve de contracção para essa planta — 1,1,1

I. A.

Receitas

Soufflé de ostras

Tiram-se da casca vinte e quatro ostras. Em uma caçarola vão ao fogo uma colher de manteiga, tomates, cebola, pimenta; estando alourada a manteiga, deitam-se-lhe as ostras, dá-se-lhes uma volta e junta-se a agua das mesmas, deixando-se ferver uns tres minutos. Estando promptas, deitam-se num prato emquanto se prepara o resto. Faz-se um pouco

de mólho branco, mais ou menos na quantidade de uma chicara, grosso e com pouco sal; junta-se, fóra do fogo, uma colher de manteiga, tres colheres de queijo ralado, tres gemmas e tres claras batidas em neve.

Depois de limpas e escolhidas as cascas mais fundas das ostras, deita-se-lhes dentro um pouco do mólho e em seguida uma ostra; cobre-se com mais um pouco de queijo ralado e vão ao forno para corar. Depois de promptas arrumam-se num prato forrado com um guardanapo e enfeita-se com salsa á volta. Pode-se fazer o mesmo com camarões.

Adaluis.

Cocada de calices

Em um kilo de assucar em ponto de pasta põem-se um côco ralado, 24 gemmas e 1 chicara de leite; vae ao fogo mexendo-se sempre até engrossar bem.

Adaluis.

ANCILLA DOMINI NA INTIMIDADE

I

— Mamãe! ó mamãe bonita!

— Que me queres, filhinha feia?

— Assim não;... olha para mim, mãezinha, eu quero vêr esses olhos tristes, de que eu tanto gosto.

— Grande tolinha! prompto! estás contente? — assim dizendo, ergueu-se D. Laura e volveu o rosto para a filha.

A moça tinha razão: ali se estampava um sorriso docemente melancolico...

Estavam ambas occupadas. Laura, ajoelhada no chão, ia mettendo numa grande mala uma profusão de cousas bonitas, leves e vaporosas, quaes eram os atavios da bella rapariga; esta, negligentemente sentada junto á secretaria, tinha diante de si umas poucas de paginas, cheias de letra miudinha e fina.

Laura levantou-se emfim, e a menina pouco ao mesmo tempo, a penna.

— Promettes então, não é verdade, Mécia?

— O' mãe, que nome me deste! Ninguem se chama Mécia sinão eu.

— Bem sabes que é o nome da tia que serviu de mãe a teu pae.

— Ail eu nunca hei de servir de mãe a ninguem, para que não venha alguma infeliz sobrinha neta a padecer o peso da gratidão paterna. — Mécia! isto é nome que se ponha em alguém?

— E' genuíno portuguez de outr'ora, tu que és tão tradicionalista, devias apreciar-o.

— Pois sim! Mamãe cruel, que queres exilar a filha; feia, cruel, má! — exclamou Mécia, ao mesmo tempo que desmentia essas palavras, com os beijos affectuosos que imprimia na mão da D. Laura.

— Promettes, não é verdade, filhinha?

— Espera, antes de responder, quero reflectir... queres que eu prometta não escrever nem uma linha a Mendo, não é isto? E se elle me escrever?

— Não responderás, mandar-nos-ás a carta, que eu ou teu pae escreveremos em teu lugar.

— E' a uma cura de dieta absoluta que me queres submeter? ó mãe, é inutil... eu o amo como... como amas a papae.

D. Laura estremeceu, calou-se durante alguns minutos, depois, enlaçando a filha, apertou-a contra o peito e lhe disse baixinho:

— Espero que não seja tanto! Mécia, meu amorzinho, o desejo unico de minha vida é vêr felizes os filhos que Deus me deu... se nós, teu pae e eu, não tivéssemos a certeza de que Mendo Penha não te merece, bem certo que não iríamos contra a tua sympathia por elle.

— Mas por que não me merece elle? Nunca me disseste nada de positivo contra Mendo... se elle fosse vil, falso, desleal, sem caracter, eu não o amaria, por certo, não o poderia amar; mas é tão attrahente, tão polido e sympathico, a meu vêr possui todas as mais bellas qualidades, que uma joven possa sonhar em seu esposo.

— E's uma innocentinha, minha filha, e não serei eu que hei de embaciar a candura de tão bella alma; cré todavia na nossa velha experiencia, na nossa clarividente affeição: Mendo não te fará feliz porque, porque não te será, por certo, fiel.

— Dize tudo que sabes, mãe, não sou tão nenêzinha como julgas: por que motivo não me poderá elle ser fiel? Sogrinha má! já estás a fazer juizo temerario do futuro genro.

— Mendo... tem uma vida muito, muito, emfim, muito irregular;... elle não tem bons principios... e se fôr algum dia teu marido, Deus tal não permita, has de ter muito que chorar.

— Que quer dizer: vida muito, muito... emfim, muito irregular? — perguntou Mécia, remedando o tom hesitante da mãe, — quaes são os principios que Mendo não tem? Mãezinha... papae não era tambem nenhum santo e tu o amavas, e eras feliz e o és até hoje.

— Cala-te! como ousas falar assim de teu pae? ai! não posso ouvir uma filha fazer censuras ao pae; isto parece-me até um sacrilegio!

— Eu não o censuro, mas lembro-me de que na infancia, muitas vezes, te vi chorar;... bem sei que com o tempo as cousas melhoraram, e que já não choras mais ás occultas, no teu oratorio...

— Cala-te, Mécia.

— Estou mais silenciosa do que um marco, mamãe bonita, não te zangues! eu gosto tanto de ti! Tão linda és, tão boa e virtuosa... e no entanto muito choraste... E' que para nós, mulheres, não ha talvez amor sem lagrimas... mas não te parece, mãe, que a affeição ameniza tudo?

(Continua)



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianópolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.